

**SEPULTADOS VIVOS: ANTAGONISMOS E BRECHAS
SOCIOAMBIENTAIS PARA OS TRABALHADORES CATADORES
PERANTE A PRODUÇÃO DESTRUTIVA GLOBAL DO CAPITAL**

**SEPULTADOS VIVOS: ANTAGONISMOS Y RUPTURAS
SOCIOAMBIENTALES PARA LOS TRABAJADORES
RECOLECTORES DELANTE DE LA PRODUCCIÓN
DESTRUCTIVA GLOBAL DEL CAPITAL**

**BURIED ALIVE: ENVIRONMENTAL ANTAGONISMS AND GAPS
FOR THE WASTE COLLECTORS TOWARDS THE GLOBAL
DESTRUCTIVE PRODUCTION OF THE CAPITAL**

Marcelino de Andrade Gonçalves¹
mandradepte@hotmail.com

Flávia Akemi Ikuta²
flaikuta@hotmail.com

Júlio César Ribeiro³
jcezarr@hotmail.com

RESUMO: O “lixo” é uma questão complexa e preocupante, porque a não reutilização de materiais decorre geralmente do desinteresse econômico e não da incapacidade de reaproveitamento, reciclagem ou incorporação tecnológica do descartado. O espalhamento de resíduos, oriundos da produção destrutiva, avança para dentro e para fora do mundo. Um segmento da classe trabalhadora global, propriamente o dos trabalhadores catadores de resíduos sólidos urbanos, serviu de foco à análise e, por meio deles, procuramos averiguar os limites e as brechas para a retirada de si e do corpo social geral dessa precária situação a que foi submetida o *oikos*.

PALAVRAS-CHAVE: Consumismo. Lixo. Trabalhadores Catadores.

RESUMEN: La “basura” es un problema completo y preocupante, porque la no re-utilización de materiales se debe, generalmente, al desinterés económico y no a la incapacidad de re-utilización, reciclaje o incorporación tecnológica de lo que es descartado. La propagación de residuos, originados por la destrucción productiva, avanza en el mundo. Un segmento de la clase trabajadora global nos ha servido de foco en este análisis, específicamente los trabajadores y recogedores de residuos sólidos urbanos, por medio de ellos buscamos averiguar los límites y los canales para la retirada de sí y del cuerpo social general de la precaria situación a la que fue sometida el *oikos*.

¹ Prof. Drº. dos Cursos de Graduação em Geografia da FAENG/UFMS/Campo Grande e Pós-Graduação em Geografia no CPTL/UFMS. Membro do CEGeT, do CEReS e do GADIS (Centro de Estudos de Geografia do Trabalho; Centro de Estudos Regionais e Socioambiental; Grupo de Pesquisa Gestão Ambiental e Dinâmica Socioespacial, pela ordem).

² Profª Drª da FAENG/UFMS. Integrante do CEReS e do GADIS.

³ Prof. Drº. da UFMS/Três Lagoas. Componente do CEGeT e do CEReS.

PALABRAS CLAVE: Consumismo. Basura. Trabajadores Recolectores.

ABSTRACT: The “garbage” is a complex and worrying issue, that is because of the lack of economic investment in reusing the materials and not the reusing disability, recycling or disposed of technological incorporation. The waste spreading of destructive production moves into and out of the world. A segment of the global working class served to focus the analysis from the workers, urban waste collectors, and through them, we seek to ascertain the limits and gaps of the withdrawal of themselves and the social general body of this precarious situation that was submitted to the *oikos*.

KEYWORDS: Consumerism. Garbage. Waste Collectors.

INTRODUÇÃO AO CALVÁRIO DO LUXO E DO LIXO, DA FARTURA E DA MISÉRIA, DA CLASSE QUE TRABALHA E DA CLASSE QUE EXPLORA

Há um discursório hegemônico veiculando que a reciclagem melhora inexoravelmente a vida das pessoas. Por ser demasiadamente genérico, torna-se um estratagema falacioso, a promover ações e recriar concepções a respeito da capacidade humana de recuperar o que é descartado, desperdiçado pelos que podem consumir, levando-nos a acreditar que a inutilidade dos objetos dispensados será momentânea e que os mesmos logo voltarão à “vida” pela magia da reciclagem.

Nesse contexto, o sujeito catador é reproduzido em uma condição de quase objeto, e o artefato catado, comparece, nesse salão de espelhos ideológicos, como um quase “sujeito”, exercendo notável poder por sobre vidas frias e cruelmente distanciadas, tanto do reino dos plenos sentidos como, no outro vértice, do fetichizado mundo do consumo tido por nobre.

Notemos, a propósito, tomando por objeto empírico e inicial de reflexões a realidade sul-mato-grossense dos municípios localizados na Bacia do Rio Ivinhema,⁴ que as melhorias no mundo da reciclagem, quando ocorrem, se dão maiormente em relação à estrutura operacional (aquisição de máquinas, equipamentos etc.), sem afetar a estrutura econômica e relacional dos envolvidos, haja vista que as relações de poder econômico e a hierarquia política são perpetuadas em níveis até superiores, comprovando a estrutura de classes e a lógica do lucro que permeia o setor. Mesmo a tese de a cooperativa de trabalhadores catadores agilizar o progresso social cambaleia na realidade concreta, pois, onde a lógica do lucro se faz presente, a lógica classista e dominante igualmente prevalece. E, desse modo, o cooperar, isto é, o fazer junto, é guiado pelo repartir diferenciado do produto granjeado – e não são poucos os exemplos de cooperativas e associações, eufemisticamente

⁴ GONÇALVES; IKUTA; LEAL et al., 2012.

chamadas de empresas sociais,⁵ as quais sucumbiram por querer compartilhar, de modo igualitário e combinado, a reprodução da vida e do capital. No caso pesquisado, toda precariedade do trabalho dos catadores se apresenta nas condições de trabalho e se materializa no rendimento (Tabela 1), com repercussões óbvias para a reprodução e sobrevivência dos implicados.

Tabela 1: Condições de comercialização e rendimento nas associações⁶ localizadas na Bacia do Rio Ivinhema-MS/2012

Município	Pré-processamento	Dificuldades encontradas	Rendimento mensal por trabalhador (em R\$)
Batayporã	Não realiza	Triagem do material, armazenamento, comercialização.	300,00 a 400,00
Anaurilândia	Não realiza	Transporte dos materiais	300,00 a 400,00
Nova Andradina	Não realiza	Transporte, armazenamento e venda dos materiais.	200,00 a 300,00
Dourados	Não realiza	Armazenamento, transporte, manutenção do quadro de associados.	500,00 a 600,00
Rio Brilhante	Não realiza	Transporte, armazenamento	500,00 a 800,00
Maracaju	Não realiza	Transporte	Sem informação

Nesses casos, como não ocorre o pré-processamento, os materiais recicláveis são comercializados sem transformação, sendo unicamente separados por tipo e prensados. O transporte até o local estipulado pelo comprador é um complicador que pode diminuir ou mesmo anular os ganhos dos catadores; dependendo da distância, da quantidade, do valor da mercadoria e do preço cobrado pelo frete, o negócio fica impraticável. O pagamento do frete, subtraído do valor alcançado na transação, influencia direta e negativamente na receita mensal dos trabalhadores, a qual, nos casos observados, varia entre R\$ 300,00 e R\$ 800,00/mês. O baixo rendimento dos catadores é uma realidade comum a todo o Brasil, ressalvadas algumas pequenas diferenciações regionais. Enfatiza Lisboa:

Em 2010, o rendimento médio dos catadores era de R\$ 571,56. Todavia, há variações regionais. Ao cruzar os dados, percebeu-se que, no Nordeste, a renda média é de R\$ 459. No Sudeste, R\$ 629. Quando se considera os domicílios em que há pelo menos um catador, a renda média per capita da família cai para R\$ 235,60.⁷

⁵ INSTITUTO ETHOS, 2007.

⁶ No conjunto, os seis empreendimentos envolviam 49 trabalhadores catadores, com uma diferença numérica, entre os grupos, de cinco a doze membros.

⁷ LISBOA, 2013, p. 61.

Além disso, e ao contrário do propalado, a reciclagem de materiais não abrange todos os tipos de resíduos que poluem e afetam a qualidade da vida na Terra, mas os que propiciam aos detentores dos meios de produção e reprodução social abundantes lucros; alguns objetos, compostos por materiais menos “nobres”, economicamente, permanecem excluídos da reciclagem industrial capitalista.⁸ Dessa forma, as contradições socioambientais, as quais os economistas burgueses insistem em chamar de “externalidades”, são apreciadas pelas instâncias políticas e por agentes econômicos segundo a lucratividade implícita – rentabilidade, aliás, que desperta dinâmicas monopsônicas e oligopsônicas nos médios e grandes atravessadores do setor, que dispõem de capacidade de arrecadação, armazenagem e distribuição dos resíduos sólidos urbanos e que agem segundo a lei da oferta e da procura, para garantir preços expressivos nesse nicho de mercado, criando uma rede de negócios baseada nos resíduos recicláveis, em detrimento dos catadores autônomos, ameaçados até nesta que, havia pouco, insinuava corresponder à última fronteira da economia, aquela que nem ao capital interessaria, o lixo.

Tanto quanto a materialidade do reciclar, são as empresas transnacionais que espargem o ideário pseudoético da sustentabilidade, distribuindo condecorações a entidades e personagens sociais por atuarem, supostamente, como “empresas ecológicas” e “agentes verdes”, à guisa de exemplo.

Por essa e por outras, enganam-se e são enganados os que acreditam que a atividade da reciclagem dos materiais age como efetivo motor de inclusão e distribuição de renda, a favorecer, sobretudo, os trabalhadores catadores. Na endentação do processo de reprodução do capital, há uma seleção social maior que a triagem dos itens reutilizáveis e dos materiais potencialmente recicláveis, ficando à maior parte do contingente populacional abarcada pela atividade a menor fração da renda absoluta engendrada.

Menos do que a ideia do ecologicamente correto, a reciclagem obedece ao processo capitalístico de reprodução material ampliada e diversificada da mais-valia, ao englobar trabalhadores excluídos do mercado de trabalho formal, um corpo de pessoas com pouca ou nenhuma formação educacional, organizadas ou não em associações e cooperativas,

⁸ A exemplo do que ocorre na cidade de Dourados-MS: em 2012, eram geradas 150 toneladas/dia, de acordo com a Prefeitura Municipal – ao passo que a empresa que prestava o serviço da coleta seletiva dizia recolher cerca de 70 ton./mês, sendo que a Associação dos Agentes Ecológicos de Dourados (AGECOLD) comercializava de 35 a 40 ton./mês de material reciclável, ou seja 60% do que era coletado seletivamente pela empresa privada não excedia a 1,5% dos resíduos recolhidos mensalmente, na cidade. Já em Anaurilândia-MS, a Associação de Catadoras colhia, no mesmo período, 10 toneladas de recicláveis mensais, o que correspondia, em média, a 330 kg./dia, o equivalente a pouco mais de 3% do volume de resíduos gerados e informados pela Prefeitura, em redor das 2 ton./dia.

bastante desprotegidas pelo carcomido guarda-chuva da legalidade trabalhista, o qual, diga-se de passagem, é muitas vezes renegado pelos próprios trabalhadores, os quais preferem associar-se de modo informal, mantendo-se avessos aos impostos e taxas que acompanham o registro nas entidades, vistos como um investimento sem resultado imediato nas condições de reprodução.

O que transparece, na verdade, é que o governo e as empresas estão mais empenhados em propalar a mentalidade da reciclagem e da sustentabilidade do que em criar condições materiais reais que melhorem a qualidade de vida e das condições de trabalho dos catadores, seja pela isenção de impostos e obrigações legais (de que as grandes empresas comumente gozam), seja pela responsabilização econômica da esfera pública municipal pelo setor (afinal, não seria justo que o mesmo município que estimula a prática custeasse o trabalho dos “agentes verdes?”).

Assim, valorados apenas no pérvido discurso, vão eles amoldando-se a uma segmentação geográfica que direciona os homens à tarefa da catação externa, a empurrar carrinhos e disputar entre si as ruas e avenidas que rasgam os territórios municipais, quais canais abertos essencialmente à flutuação das mercadorias, enquanto as mulheres tendem a concentrar o labor no reduto dos galpões das cooperativas e associações. Ambos, homens e mulheres igualmente desgastados e brutalizados no trabalho com o lixo. No caso das associações de catadores dos municípios localizados na Bacia do Rio Ivinhema, a maioria dos labutadores é formada por mulheres; dos 49 componentes, 35 são mulheres, o que corresponde a 73% do cômputo total. Lisboa assinala:

Inicialmente uma atividade masculina, as mulheres já representam 31,1% do total de brasileiros que se declararam ao IBGE catadores de resíduos. Esse percentual varia muito entre os estados. No Amazonas, as catadoras chegam a 40%, enquanto são apenas 17% no Rio Grande do Norte e 15% em Roraima. Em nenhum estado o número de mulheres supera o de homens. Contudo, quando os catadores se organizam em cooperativas, as mulheres superam os homens.⁹

Um trabalho diuturno que nada lhes garante, senão a precariedade da vida. Quando conseguem abastecer o corpo com o alimento que veio da boa “safra” da cata, falta-lhes a calma e a paz de espírito, por temerem que a humilde casa, quando habitam uma, seja desapropriada pela lógica imobiliária que tende a jogá-los cada vez mais para os confins mercantis da urbe, ou mesmo para dentro dos locais de disposição do lixo, por não ser incomum encontrarmos moradias instaladas nesses locais, nas diferentes regiões brasileiras.

⁹ LISBOA, 2013, p. 60.

Os catadores, porém, compõem uma massa de trabalhadores dividida não só pela geografia do trabalho, como por vários outros quesitos: econômico (geração dum fracionamento substantivo entre eles, entre formais/informais, os empregados pelas esferas pública e privada e os autônomos, com distribuição diferenciada de rendimentos; sem contar os segmentos comerciais dos negociantes atravessadores, concentradores de dividendos); social (igualmente aliada à renda, a família sequer alcança o mínimo salarial, tendo a renda complementada por programas assistenciais que geram um efeito subjetivo coercitivo, o qual os amarra magneticamente ao raio da casa ou ao circuito percorrido durante o trabalho); cultural (a vida quase que limitada a garantir-se no dia seguinte, e o lazer e a cultura, de um modo geral, mercadorizados e atados ao dinheiro, expõem-se no mais das vezes como objetos de sonho e de consumo inalcançáveis) e politicamente (a clivagem econômica interna ao mundo da reciclagem – reciclagem *lato sensu*, como processo físico-químico que visa à revalorização e transformação dos materiais –, reproduz-se em níveis de consciências políticas autonomistas, individualistas, quase anárquicas, pondo em choque um tipo específico de consciência subcategorial parecida com a consciência de classe em si, notadamente pelo distinguimento interno de trabalhadores/empregados, os que conseguem contribuir com planos de seguridade e previdência social e os que mal podem abonar a próxima refeição).

A quase nunca citada questão de classe, pelos que detêm o poder econômico e político, sobretudo, e que propagam a sustentabilidade pela veste da reciclagem, deve, pois, ser analisada sob o ponto de vista dos trabalhadores explorados, para, enfim, ser possível a construção de condutas específicas com a população diretamente abarcada pelo circuito econômico e a (sub)indústria da reciclagem: dum lado, suplantando a regra posta de reaproveitamento do apenas economicamente rentável, desabotoando e arremessando a reflexão por sobre materiais socioecologicamente nocivos, os quais ameaçam o equilíbrio rítmico da vida/morte na Terra, e, de outro, meditando sobre a quase situação de lumpemproletaridade com que a maioria segue flertando, tendo em conta que parte expressiva desse segmento social convive proximamente da linha tênue do subsalariamento e do dessalariamento, como subproletários. Trata-se da única forma para que esse estrato da classe trabalhadora não venha a se conformar única e definitivamente com a condição (im)posta de contemporizadores dos efeitos maléficos e destrutivos do capital, operando politicamente sempre a jusante, a reboque, reprogramando-se conforme a função fisiológica esperada pela classe que se quer o cérebro eternitário do organismo social, a classe burguesa nacional que,

fecundada muitas vezes pelo servilismo e dependentismo externos, bem merece a tacha de lumpemburguesia, formulada por A. Gunder Frank.

Aí está uma das possibilidades da união da classe para além do economicismo, incorporando as dimensões política e ambiental, as quais são, também, classistas.

O efetivo remanejamento ambiental e a profunda reobservação ontológica do sentido do ser social passa por aí. E, para granjeá-la, esse exército de trabalhadores e trabalhadoras, que ultrapassa o milhão,¹⁰ deverá prosseguir organizando-se, local e nacionalmente, a exemplo do que propõe o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), contumaz defensor da união com outros movimentos que representam as orlas de trabalhadores(as) oprimidas e exploradas.¹¹

Não deve, por conseguinte, ser aprioristicamente negada a simbologia da ética da reciclagem e da sustentabilidade, dado o estado de verdadeira calamidade pública que o descaso e a lógica acumulacionista desovaram. É preciso, tão somente, ir mais além e revelar que ela deve ser um meio e não um fim, divergindo da via exclusiva da engrenagem do capital e da mão única de seus marcos regulatórios.

Como acúmulo desigual de tempos, tempos que são vidas, suor e trabalho, o espaço nosso de todo dia, das lojas de marca ou dos lixões e aterros, visíveis ou ocultados, deve, como um espelho, ajudar o ser social a se reobservar, a reflexionar mais detidamente sobre si, o outro e o mundo, para, então, enxergar-se nesse espaço concreto que escamoteia, mediante inúmeros astúcias, a realidade concreta, redundando nessa obscena dimensão “lixo” conduzida pelo capital, essa sim inaproveitável e impossível de ser reciclada, ao contrário do que veiculam os socialdemocratas de plantão e todos aqueles que apostam na reforma do capital e, através dele, do homem e do mundo.

Distintamente da ideologia hegemônica, ao lado da organização da classe trabalhadora geral, o coletivo catador ou a categoria particular do coletor e seletivista poderá atualizar e “reciclar” a si mesma, como sujeito histórico e espacial, fazedor da geografia futura, a partir dos resíduos espaciais presentes.

É imperativo que tal sujeito perceba as contradições multiescalares, começando por si, pelo chão em que pisa e no qual é pisoteado, de vez que é importante, mesmo com as mãos no lixo, manter as cabeças fora dele.

¹⁰ De acordo com Lisboa (2013), são 400 mil catadores de resíduos sólidos em todo o país. Somados os membros das famílias, chegam a 1,4 milhão os brasileiros que sobrevivem do lixo.

¹¹ CAMBOIM, s/d. Sobre a diretiva classista do MNCR, que preza “auto-gestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo”, ver: <http://www.mncr.org.br/>

O capital hoje, em suas corridas e guerras por mais-valia, gerou de lixos atômicos (jogados no fundo dos oceanos e debaixo do tapete do dito “terceiro mundo”)¹² a lixos espaço-siderais (de restos de satélites e aeronaves, por exemplo, que orbitam a terráquea esfera azul),¹³ chegando a criar um sétimo continente artificial, uma “sopa de plástico” errante que, vagueando, prejudica a navegação e a fauna e flora marítimas.¹⁴

Num determinado momento, pelos muros e pelas brechas avistadas, chamamos o cemitério de espaço, por corresponder a um produto objetivado e objetificado da destrutiva produção humana, advertindo, paralelamente, que, além de passado, como dimensão presente do contraditório, é esse espaço também berçário, por que lócus do novo, quiçá, dalgo melhor e para todos.

Até o momento, prevalece o empoeiramento ideológico e a poluição social e ambiental (pela alienação, desumanização, consumismo, quimicizações e soterramentos do Homem e do *aikos*), os quais vomitam compostos nocentes na atmosfera (queima inadequada de materiais, geração de fumaça em lixões etc.) e nas águas (pela infiltração de substâncias químicas em rios, lençóis freáticos, lagoas, mares e oceanos), parindo malefícios visuais e terrestres, éticos e estéticos (pelas montanhas de materiais desperdiçados pelo frenesi do suposto conforto coetâneo, que atrai animais, os quais se alimentam e se reproduzem no lixo e agem como vetores transmissores de doenças, engendrando desvalorização de imóveis e de homens a quem, muitas vezes, nesses chãos apenas é permitido circular ou habitar (Foto 1).

¹² G1, 14/6/2011; REVISTA ÉPOCA, s/d.; MÜLLER, 4/8/2008.

¹³ REVISTA VEJA, 2/9/2011; RODRIGUES, 25/1/2013; ÉPOCA, 21/12/2011; MOTOMURA, s/d. Sabemos que o problema não está só no lixo, mas nos perigos que o rondam, embora, dizem, já estejam sendo ensaiadas soluções para isso (TECNOMUNDO, 10/8/2011). Só a Lua deve ter recebido 170 toneladas de restos de materiais de origem terrestre e o “planeta vermelho” é um dos corpos celestes cogitados a recebê-los futuramente (ÉPOCA, 25/4/2013; FOLHA DE S. PAULO, 16/8/2013). O lixo espacial, distintamente do da Terra, poderá atrair até redobrada atenção, mas não pelo fato de a sustentabilidade ter emplacado na Terra e em seu além, senão pela lucratividade implícita à exploração e, quiçá, colonização extraterrestre.

¹⁴ FUENTES, s/d.; IHS, 29/4/2013; EXPÉDITION 7^e CONTINENT, s/d.



Figura 1: Catadores no lixão de Batayporã-MS.

Fonte: Trabalho de Campo-2012

Autor: Gonçalves, M. A.

Como é a cidade o epicentro da urbanidade capitalista, o nó central de todos os nós mercantis coevos, nela ou em suas propinquidades, no limite mesmo com a franja rural (ou agrourbana), são depositados, de maneira ordinariamente desregrada, os detritos dessa urbanoide e doentia sociabilidade.

E a estrutura de classe estrutura a cidade, o urbano e o rural, o consumo e a fome, o trabalho e o ócio lesivos, a vida e a morte. Para alguns, cintilam as modernas catedrais do consumo, que são os *shoppings*; para outros, resta o infernal submundo dos lixões.

De cima ou do lado das montanhas de lixo e da periferia para o centro da cidade deverá dirigir-se o movimento dos catadores, para conseguirem ser vistos e seus anseios imediatos atendidos.

Reinvocando aquela tese de Milton Santos, de que, no último meio século, foram criados na face da Terra mais objetos de que em toda a história humana, fica fácil notar não só o formidável desenvolvimento técnico, como a malfadada racionalidade economicista que violenta e fertiliza o metabolismo societal, sulcando no território covas tão profundas, para o aterramento do que é descartado e desperdiçado, que muitos suspeitam da capacidade de virem a ser fechadas.

O antagonismo povoa o âmago dessa sociedade residual, unilateral, inda que desse homem multipartido possa emergir a emancipação, assim que se puser a marchar em direção do desenvolvimento da omnilateralidade adormecida, que em nada se apraz com a folgança consumista.

A crise profunda da sociabilidade burguesa, aliada ao transe metabólico induzido pela estagnação econômica, acompanhado pela tentativa de reestruturação em curso, alterou o mundo técnico-produtivo do trabalho e o mundo organizacional dos trabalhadores. Não mais centrado na planta industrial, desprendido da esfera contratual do emprego, tendo de conviver com sucessivas restrições no rendimento, o trabalhador do século XXI há pouco iniciado deverá reobservar o espectro e a própria consciência de classe, reconhecendo as forças e os defeitos que a povoam atualmente, como a precisão de levantar-se de outros pontos espaciais no circuito geral da produção (produção-circulação-distribuição-troca-consumo/descarte-reciclagem-recirculação...).

Os trabalhadores envolvidos com as primeiras tarefas no mundo da reciclagem, nomeadamente os que labutam na catação, a mais subvalorizada, são também os mais fragilizados politicamente e aqueles nos quais a consciência de classe encontra altas resistências. E não só a consciência para si, de que são todos alvos da exploração burguesa que os transforma em resíduos sociais, como a capacidade de fortalecimento da consciência em si, de que compõem uma categoria econômica que deveria, unida, lutar para a melhoria da renda e das condições de vida e trabalho, como consciência categorial estendida aos não associados, por dentro dos marcos do regime do capital. Avulta, em regra, ao contrário disso, a consciência individual ou, no máximo, familiar, a da *cellula mater* burguesa, que os confina na redoma de valores conservadores e inerciais. O que é compreensível, pela própria situação de incerteza, de inserção/exclusão a que estão subsumidos, por se encontrarem próximo ao último piso da economia – quiçá, povoado pelos escravos –, avizinhandose da lumpemproletaridade e, em alguns casos, da mendicidade – de vez que, dentre os que vivem e trabalham na recolha nas ruas das grandes cidades, muitos compartilham a indignação.

Para o alavancamento político e organizacional, urge o catapultamento da reflexão e da ação.

Deve brotar e golpear a consciência de classe para si, mesmo que tais sujeitos ainda pertençam àquele estágio político mais raso, de satisfação individual com a modesta inclusão no precário e insalubre mundo do trabalho no lixo, informal que seja, mas propiciador de pedaços de renda que caem da mesa da exploração, suficientes para entorpecer os sentidos e, na falta de organicidade política combativa, prendê-los no multifacetado universo metabólico capitalista, agrilhoando a sua consciência à teia da classe em si. (Obviamente que esse perigo, vale ressaltar, não se circunscreve a essa categoria.)

As contradições capitalísticas vão assim do centro citadino à sua mais afastada periferia, abraçando a todos, sufocando a muitos. O lacear da problemática situação de vida dos envolvidos com o dito reaproveitamento industrial dos recicláveis sugere, às vezes, uma melhora que entendem jamais ameaçada.

Ledo engano.

De nada mais se está diante que de uma nova variação dos “moinhos de gastar gente”, de que tratava nosso maior antropólogo, Darcy Ribeiro. São elas as modernas indústrias de desperdiçar gentes para reaproveitar os materiais que compõem os objetos.

O problema, pois, é que, para reconsumir o produzido e alhures descartado, reinjetando-o na esfera da circulação mercadológica, segue sendo consumido e descartado o espécime Homem. Dentro desse contexto histórico determinado, ressaltamos o descarte do ser trabalhador.

A situação empiora, na atualidade, com o toyotismo a encabeçar a flexibilização da economia, do trabalho, da política, da ética e da moral... valores e cultura, em geral.

Flexibilização e empreendedorismo que não passam de eufemismos para a descartabilidade e a obsolescência programadas das mercancias. Mas não só os objetos, são descartados os valores e as ideias – em especial, as que contraditam o *establishment* –, como os lugares, os costumes, as modas e os modeladores, os direitos e os homens, notadamente os que pertencem aos estratos térreos do edifício societário.

A lógica é a da efemeridade, a sangria da corrida pelo lucro que baixaria, se pudesse, a zero o tempo de rotação do capital, anulando o intervalo entre a produção e o consumo. (A bem da verdade, o rentismo coevo, referente ao capital especulativo e parasitário que transita pelos lucrodutos da rede técnico-informacional, fez na pista da reprodução autonomizada da circulação o que o capital não logrou impetrar na da produção.)

Os trabalhadores, que são os trilhos, as locomotivas e o carvão queimado no processo, são descartados, substituídos e jogados nos verdadeiros depósitos de gente que se tornam as cidades, maquiadas aqui ou acolá por projetos residenciais subsidiados pelo governo.

Trata-se de gentes que vivem e se alimentam mal, inclusive porque aquilo que sobra para um é depressa associado a lixo, ao invés de correlacionado socialmente com o outro.¹⁵ Assim é a totalidade concreta distorcida pelos simulacros.

¹⁵ BBC BRASIL, 25/1/2013.

O império do capital e sua expressão territorial perfazem a condição de dominação e transferência transnacional de responsabilidades e dejetos. Já se fala até em tráfico de lixo e em colonialismo ambiental.¹⁶ Lixo que vai do mais banal ao eletrônico (o chamado e-lixo), os quais carregam consigo a toxidade para ares, solos, águas e pessoas, desembarcados preferencialmente na China, países da África, Índia e Paquistão, hospedeiros de 500 contêineres mensais do subproduto. Uma desova de lixo que atinge, secundariamente, solos de Chile, Argentina e Brasil.¹⁷

A sociedade, em geral, e a classe trabalhadora global, em particular, devem estar atentas ante o perigo da geração de uma nova redivisão transnacional do trabalho, entre países industriais e produtores de mercadorias originais e países semi-industriais ou “em desenvolvimento”, reutilizadores de mercadorias descartadas e recicladas para o reaproveitamento. Não porque a importância da reciclagem deva ser minorada, mas pelo risco de eventualmente estar sendo concebida uma nova rede de países ricos que remetem resíduos a países satélites, os quais podem vir a se tornar espécies de “lixões” globais, ou campo de descarte de objetos ultrapassados tecnologicamente – notadamente as nações mais pobres, dentre as listadas, ou as de seus vizinhos próximos, que podem calhar de depósito final –, com todos os riscos aí inclusos, de doenças a poluições sociais e ambientais de toda a cepa.

Os trabalhadores devem estar atentos às ardilezas burguesas que seguem encurtando o tempo de vida dos produtos, diminuindo a vida útil dos bens ditos duráveis, tornando-os mais frágeis fisicamente, ou obsoletos antes mesmo de se tornarem inaptos a realizarem as funções para as quais foram projetados e produzidos. Tudo isso com a finalidade de manter uma demanda incessante¹⁸ e, concomitantemente, veicular a ideologia da preocupação ambiental com a reutilização seletiva, fazendo com que o lucro dê duas ou mais voltas no circuito global da produção.

Esse mecanismo se junta a outras contradições, como basear-se no desperdício e fazer críticas à devastação ambiental, pregar a qualidade dos produtos e abreviar a sua vida útil etc. De acordo com Antunes,¹⁹

[a] qualidade total torna-se, ela também, a negação da durabilidade das mercadorias. Quanto mais “qualidade” as mercadorias aparentam (e aqui aparência faz a diferença), menor tempo de duração elas devem efetivamente ter. Desperdício e destrutividade acabam sendo os seus traços determinantes.

¹⁶ IBGF, s/d.; COLBACHINI, 2010.

¹⁷ REGO, 2013; ARTONI, 2005; VIKTOR, 2009.

¹⁸ MÉSZÁROS, 2002.

¹⁹ ANTUNES, 1999, p. 51.

O avanço da taxa de utilização decrescente das mercadorias²⁰ amplia também o descarte e a geração de resíduos, especialmente nos lugares onde há grande concentração de consumidores. Sem contar que o processo está inscrito na lógica do consumo, o qual força a aquisição de objetos que muitas vezes são inservíveis para quem os adquire, como sucede com grande parte das embalagens que envolvem o consumido.

Com isso, o capital dá igualmente a volta no trabalhador, não só por apoiar o processo alienado e agrilhado ao lucro, como de ver-se beneficiado a contento por esse segmento reprodutivo.

Se, em tese, cada vez mais se expande o processo de reciclagem, com certeza muito mais se produz e se rejeita. Daí que, no final, as concretudes esquizofrênicas da produção e do consumismo andam milhares de léguas à frente do simulacro da sustentabilidade. Assinala Mészáros:

A taxa de utilização decrescente assumiu, na atualidade, uma posição de domínio da estrutura capitalista do metabolismo socioeconômico, não obstante ao fato de que, no presente, quantidades astronômicas de desperdício precisem ser produzidas para que se possa impor à sociedade algumas das suas manifestações mais desconcertantes.²¹

Não poderá ser materializada universalmente a prática da sustentabilidade, tampouco a da reciclagem, a não ser em algumas nações ou regiões que sirvam de cartão postal da exceção, ou dos produtos rentáveis, pelo fato de o capital não conseguir cumprir a cartilha dos universais metafísicos que imprime. O que é o mesmo que dizer que o capital se aproveita da prática do desaproveitamento de bens, duráveis e não duráveis. Como também não consegue o capital, senão por breve intervalo de tempo, por sua ontológica natureza desnaturada, acabar com a fome, generalizar direitos de cidadania acima do fator cor, sexo, procedência territorial, classe etc.

Os universais metafísicos do capital, dentre os quais o da sustentabilidade, são criados para se tornarem crenças, as quais, em sendo sagradas, não carecem passar pelo milagre da materialização.

Daí que ali pode ser visto um trabalhador sem Equipamento de Proteção Individual (EPI), acolá, outro sem acompanhamento do quadro de saúde, mais além, depósitos e instalações receptoras de resíduos sólidos, gerados em diferentes fontes, em situações precárias e ambientalmente ameaçadoras. Quando solucionadas em um país, brotam

²⁰ MÉSZÁROS, 2002.

²¹ *Ibidem*, p. 655.

noutros, pela essencialidade do desenvolvimento desigual e combinado; inclusive, pelo fato de o desenvolvimento da reciclagem estar associado à desigual deportação de resíduos.

A realidade regional pesquisada forneceu-nos descrições das contradições locais, da destruição social e ambiental, da incapacidade de o Estado monitorar e penalizar juridicamente os transgressores e seus representantes políticos, conquanto consiga insinuar mudanças em processo, ténues ainda, as quais, quiçá, se aproveitarão de acúmulos de experiências externas, em termos de minimização do lesa ambiental e formação de uma consciência ecológica radical, que vá, efetivamente, à raiz podre desse modo de produção que destrói, esse modo de vida que mata, essa formação socioespacial que deforma.

Na região pesquisada, dos vinte e cinco municípios, em apenas um havia aterro sanitário instalado: os demais despejavam os resíduos sólidos urbanos em locais inadequados, a céu aberto e sem cobertura, multiplicando os problemas causados pelo lixo, que se dispersa e serve de local de reprodução para insetos e animais. Outro elemento a ser destacado relaciona-se aos resíduos de serviço de saúde (RSS), os quais, em sete dos municípios pesquisados, são dispostos nos lixões junto aos demais resíduos; noutros sete, são queimados, em alguns casos, em fornos improvisados (situados junto a postos de saúde, hospitais ou em áreas de disposição dos resíduos domiciliares). A disposição dos RSS em lixões, consideradas as suas características infectantes, amplifica os riscos à saúde dos catadores.



Figura 2: Forno utilizado para queima de resíduos de serviços de saúde no município de Fátima do Sul-MS.

Fonte: Trabalho de Campo-2012.

Autor: Gonçalves, M. A.

Nesse contexto, inexistente, a não ser na ideologia, a garantia da realização do fenômeno que os sociólogos chamam de ascensão social vertical entre os trabalhadores do setor da reciclagem. É igualmente suspeita, como vimos, a manifestação generalizada da prática da sustentabilidade; simplesmente porque as indústrias de fazer pobreza e sujeira são maiores e em maior número que as promotoras de efeitos sociais e ambientais inversos.

Talvez este deva ser um dos princípios do movimento dos trabalhadores do setor: saber que se está próximo do olho do furacão da economia, sem se deixar iludir com a falsa calma de que o pior já passou, de que o trabalho (não o emprego) chegou e que a Natureza agradece.

Quem sabe, os políticos que adotam a postura classista em prol do trabalhador e os agentes universitários que encampam a luta pela reciclagem, nos municípios, junto aos trabalhadores(as) catadores(as), mais do que a Igreja e outras instituições rotineiramente resignadas ao *status quo*, devam agir no sentido de promover a aproximação política dos trabalhadores com o movimento nacional dos catadores, apresentando sua cartilha e instigando o debate e a politização, para que essa massa possa, minimamente, conhecer algumas das engrenagens da política, as pedras com que toparão inevitavelmente no caminho e os frutos positivos legados pelas outras realidades da luta. Atuando no reduto municipal, contudo, dele partindo em busca dos primeiros esboços da totalidade, exercitando a interesalaridade da reflexão e da politização.

PALAVRAS FINAIS

Vimos que o capitalismo soterra a humanidade na descartabilidade e que os detritos que avançavam nos territórios terrestres e marítimos chegam ao espaço sideral, enterrando a humanidade em resíduos, alienações, doenças, fomes e misérias.

Pleiteamos, partindo de um relatório sobre uma realidade específica, realizar um exercício de sistematização. E por vários motivos.

Sabemos, por exemplo, que para o capitalismo inexistente cisão entre as esferas do trabalho formal e informal, lucrando com ambas. Conhecemos os artifícios também em relação aos mercados legal e ilegal, de trabalho (assalariados, subsalariados e escravos) e de circulação de “mercadorias” (distribuição e tráfico de produtos, pessoas, órgãos e armas).

Pelo caráter sistematizante da essência metabólica do capital, fica difícil discernir o lixo terrestre do marítimo (uma vez que boa parte da humanidade habita os litorais ou veem o lixo desaguar no oceano), como o próprio lixo terrestre (o chamado e-lixo irrompe das unidades fabris e residenciais).

Daí que muito provavelmente o incentivo à coleta de lixo, ou de resíduos sólidos urbanos domésticos, sirva mais para envolver a população em uma suposta faceta de preocupação e ação singulares e desconexas do sentido real das coisas, do que em encarar o problema de frente, sobretudo, como vimos, porque a produção destrutiva do lixo é maior que a fração reutilizada, além de ser enfocada a triagem daquilo visto como economicamente viável pelos grandes e médios agentes que centram o processo e, entre outros motivos, pelo próprio descaso do governo para com o segmento social catador, sobre o qual pesam burocracias, obrigações e impostos – aliviado somente e num crescente às empresas, que são exatamente os maiores poluidores –, destinando a essa categoria braçal programas sociais complementadores de renda, que só servem, ao fim, para preservá-los nas condições de subproletários e subconsumidores, numa quase subumanidade, a qual, além de viver mal, acabam por encampar, devido à condição material de existência, o papel, exaltado como honroso, de reparador das sujidades da espacialidade capitalista.

Soterrados, mas ainda vivos, podem eles, também, pela própria conectividade ensaiada entre os múltiplos e polissêmicos movimentos sociais, tornarem-se agentes da expurgação, isto é, da “reciclagem” ontológica do ser e do estar, do homem e do mundo.

Para romper a materialidade da situação social a que estão submetidos, a qual Marx denominou lumpemproletaridade, devem suplantar a postura de sujeição subjetiva do ser que trabalha ao *establishment*. Pilastra teórica, aliás, que, a nosso ver, permitiu a Milton Santos distinguir o miserável do pobre, vaticinando que, no primeiro, impera a apatia e a resignação, enquanto, no segundo, vive a alma da luta, não expurgada do espírito do ser.

Que avancem os pobres contra a miséria e a sujidade capitalistas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARRUDA, Felipe. Satélite-faxineiro deve acabar com o lixo espacial. *Tecnomundo*, 10 ago. 2011. Disponível em: <http://www.tecnomundo.com.br/astrologia/12329-satelite-faxineiro-deve-acabar-com-o-lixo-espacial.htm>. Acesso em: 20 set. 2013.

ARTONI, Camila. O lado B da tecnologia. *Revista Galileu*, set. 2005. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT1023727-1939-1,00.html>. Acesso em: 10 set. 2013.

BLANCO, Gabriela (trad.). Somália: a lixeira nuclear. *Diário Liberdade*, 16 dez. 2011. Disponível em: http://www.diarioliberalidade.org/index.php?option=com_content&view=article&id=22630:somalia-a-lixreira-nuclear&catid=256:direitos-nacionais-e-imperialismo&Itemid=131. Acesso em: 11 set. 2013.

CALIXTO, Bruno. Humanidade já despejou 170 mil quilos de lixo espacial na Lua. *Época*, 21 dez. 2012. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/planeta/2012/12/21/humanidade-ja-despejou-170-mil-quilos-de-lixo-espacial-na-lua/>. Acesso em: 20 set. 2013.

CAMBOIM, Alexandre. A luta e a organização dos catadores de materiais recicláveis. *Jornal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, s.d. Disponível em: <http://antigo.mst.org.br/jornal/267/estados>. Acesso em: 10 set. 2013.

COLBACHINI, Marina Lee. Quando ciência e cultura são uma só. *Revista Sínteses*. Campinas: Unicamp, v. 15, p. 45-66, 2010. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/view/1204/1768>. Acesso em: 11 set. 2013.

EM apenas dois dias, 33 mil pessoas se inscrevem para viagem sem volta a Marte. *Revista Época*, 25 abr. 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Ciencia-e-tecnologia/noticia/2013/04/em-apenas-dois-dias-33-mil-pessoas-se-inscrevem-para-viagem-sem-volta-marte.html>. Acesso em: 13 set. 2013.

ESPECIALISTAS alertam sobre o lixo espacial: há 500 mil detritos soltos no espaço. *Revista Veja*, 2 set. 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/152091/>. Acesso em: 13 set. 2013.

FUENTES, Ana. Rumo ao continente lixo. *Portos & Mercados*, s.d. Disponível em: <http://portosmercados.com.br/site/rumo-ao-continente-lixo>. Acesso em: 12 set. 2013.

FUNDO do mar é depósito de óleo, lixo atômico e gases venenosos. *Época*, s/d. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI34362-9531,00-FUNDO+DO+MAR+E+DEPOSITO+DE+OLEO+LIXO+ATOMICO+E+GASES+VENENOSOS.html>. Acesso em: 11 set. 2013.

GONÇALVES, Marcelino de Andrade; IKUTA, Flávia Akemi; LEAL, Antonio César et al. *Geração e disposição de resíduos sólidos urbanos e a forma de organização dos trabalhadores catadores de resíduos recicláveis nos municípios localizados na sub-bacia do Rio Ivinhema-MS*. Nova Andradina: UFMS, 2012 (Relatório Final de Pesquisa – CNPq).

INSTITUTO ETHOS. *Vínculos de negócios sustentáveis em resíduos sólidos*. São Paulo: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. São Paulo, 1 nov. 2007. Disponível em: https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2012/12/04_.pdf. Acesso em: 8 ago. 2016.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Viagem ao continente de lixo*. São Leopoldo-RS: IHU, 29 abr. 2013. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/519703-viagem-ao-continente-de-lixo>. Acesso em: 19 set. 2013.

LE 7ème continent, une réalité? *Expedition 7^e Continent*, s.d. Disponível em: <http://www.septiemecontinent.com/#!page2/cjg9>. Acesso em: 10 set. 2013.

LISBOA, Carla. Os que sobrevivem do lixo. *Revista Desafio do Desenvolvimento*. Brasília: IPEA, ano 10, ed. 77, 7 out. 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2941:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 18 set. 2013.

LIXO plástico que flutua no Pacífico forma continente sete vezes maior que a França. *Blog da Saúde*, 25 abr. 2012. Disponível em: <http://www.blogdasauade.com.br/saude-ambiental/2012/04/25/lixo-plastico-que-flutua-no-pacifico-forma-continente-sete-vezes-maior-que-a-franca/>. Acesso em: 10 set. 2013.

MESZAROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.

METADE da comida do mundo vai parar no lixo, diz relatório. *BBC Brasil*, 10 jan. 2013. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/130110_alimentos_desperdiciorg.shtml. Acesso em: 17 set. 2013.

MOTOMURA, Marina. Que vestígios o homem deixou em suas passagens pela Lua? *Mundo Estranho*, ed. 51, s.d. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/que-vestigios-o-homem-deixou-em-suas-passagens-pela-lua>. Acesso em: 13 set. 2013.

MÜLLER, Karl. África, depósito de lixo. *Zeit-Fragen*, n. 32, 4 ago. 2008. Disponível em: <http://www.tlxcala.es/imp.asp?lg=po&reference=6303>. Acesso em: 20 set. 2013.

REGO, Tarcilia. Lixo eletrônico vai para países em desenvolvimento. *Jornal O Estado*. Fortaleza-CE, 22 jan. 2013. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/noticia/lixo-eletronico-vai-para-paises-em-desenvolvimento>. Acesso em: 19 set. 2013.

RODRIGUES, Edivando Alves. Da responsabilidade internacional do Estado por danos causados por engenhos caídos do espaço sideral. *Jus Navigandi*, ano 18, n. 3495, 25 jan. 2013. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/23546/da-responsabilidade-internacional-do-estado-por-danos-causados-por-engenhos-caidos-do-espaco-sideral>. Acesso em: 17 set.2013.

SUÉCIA constrói depósitos de lixo atômico debaixo do oceano. *G1*, 14 jun. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/suecia-constroi-depositos-de-lixo-atomico-debaixo-do-oceano.html>. Acesso em: 16 set. 2013.

TRÁFICO de lixo e colonialismo ambiental. *IBGF*, s.d. Disponível em: http://ibgf.org.br/index.php?data%5Bid_secao%5D=5&data%5Bid_materia%5D=82. Acesso em: 10 set. 2013.

VIKTOR, Mariana. Onde os eletrônicos vão morrer (e matar). *Galileu*, 24 dez. 2009. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87014-7943-217,00-ONDE+OS+ELETRONICOS+VAO+MORRER+E+MATAR.html>. Acesso em: 17 set. 2013.

ZANETI, Isabel Cristina Bruno Bacellar; SÁ, Lais Mourão; ALMEIDA, Valéria Gentil. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 24, n. 1, p. 173-192, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n1/a08v24n1.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.

Submetido em: 29 de abril de 2016

Aceito em: 04 de agosto de 2016